

AFTER

ANNATODD



Tradução

ALEXANDRE BOIDE

CAROLINA CAIRES COELHO

PA
RA
I
S

Copyright © 2014 by Anna Todd

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL After

CAPA Damonza

IMAGEM DE CAPA J.D. Witkowski/ Shutterstock

IMAGEM DE MIOLO Departamento de Arte do Grupo Planeta, Espanha

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Huendel Viana, Jane Pessoa, Ana Maria Barbosa e Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Todd, Anna

After / Anna Todd ; tradução Alexandre Boide, Carolina Caires Coelho. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2014.

Título original: After.

ISBN 978-85-65530-82-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-10332

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Prólogo



A faculdade sempre me pareceu uma coisa importantíssima, fundamental para medir o valor de uma pessoa e determinar seu futuro. Vivemos em uma época em que primeiro perguntam onde você estudou e só depois seu nome. Desde cedo fui ensinada — condicionada, na verdade — a me preparar para uma boa educação. Isso se tornou uma necessidade para mim, que exigiu uma dose absurda de esforço e virou quase uma obsessão. Cada aula a que eu assistia, cada trabalho que fazia desde o primeiro dia do ensino médio, tinha como objetivo entrar na faculdade. E não numa faculdade qualquer: minha mãe cismou que eu tinha que estudar na Washington Central, a universidade em que ela estudou, mas que acabou abandonando antes de se formar.

Eu não fazia ideia de que a faculdade envolvia muito mais coisas do que a vida acadêmica. Não sabia que a difícil escolha de quais optativas cursar no primeiro semestre seria algo banal apenas alguns meses depois. Eu era bem ingênua nessa época, e em certo sentido ainda sou. Jamais poderia imaginar o que viria pela frente. Conhecer minha colega de quarto foi uma experiência marcante e um tanto estranha no início, e com o grupo de amigos malucos que vinha com ela isso se intensificou. Eles eram diferentes de qualquer pessoa que eu conhecia, a aparência deles me intimidava, e seu desprezo absoluto pela ordem me confundia. Logo me tornei parte daquela loucura, deixei-me envolver...

E foi assim que *ele* entrou no meu coração.

Desde nosso primeiro encontro, Hardin mudou minha vida mais do que qualquer cursinho ou grupo de leitura. De repente eu estava vivendo os filmes que tinha visto na adolescência, e aquelas tramas ridículas eram realidade. Eu teria feito alguma coisa diferente se soubesse o que aconteceria mais para a frente? Não sei. Adoraria ter uma resposta para essa pergunta, mas não tenho. Às vezes me sinto grata por tudo, tão do-

minada de paixão que meu juízo vai para o espaço, e a única coisa em que consigo pensar é nele. Em outras ocasiões, penso no sofrimento que Hardin me causou, na saudade que sinto de quem eu era, no caos daqueles momentos em que vi meu mundo ser virado de cabeça para baixo, e a resposta deixa de ser clara.

A única certeza que tenho é de que minha vida e meu coração nunca mais serão os mesmos depois de Hardin.



O despertador vai tocar a qualquer momento. Fiquei acordada quase a noite inteira, rolando na cama, olhando para o teto, contando as ripas de madeira e repetindo para mim mesma meus horários. Algumas pessoas contam carneirinhos; eu planejo. Minha mente nunca deixa de planejar, e hoje — o dia mais importante em meus dezoito anos de vida — não é diferente.

“Tessa!” Ouço minha mãe me chamar do andar de baixo. Resmungando, levanto da cama pequena mas confortável. Aproveito para arrumar os lençóis e as cobertas sem pressa; afinal, vai ser a última vez que faço isso por um bom tempo. A partir de hoje, esse quarto deixa de ser minha casa.

“Tessa!” Ela me chama outra vez.

“Já levantei”, grito em resposta. O barulho das portas dos armários sendo abertas e fechadas com força lá embaixo indica que ela está tão ansiosa quanto eu. Quando entro no chuveiro, sinto um frio na barriga e fico rezando para que o nervosismo diminua ao longo do dia. Minha vida inteira foi uma preparação para hoje, meu primeiro dia na faculdade.

Passei os últimos anos da minha vida aguardando ansiosamente por esse momento. Usava meus fins de semana para estudar e me preparar enquanto meus colegas passeavam, bebiam e faziam tudo o que os adolescentes fazem para arrumar confusão. Mas eu não. Eu era a menina que passava as noites estudando, sentada no chão da sala, enquanto minha mãe fofocava e assistia ao canal de compras em busca de novos produtos de beleza.

Quando chegou a carta informando que eu tinha sido aceita na Washington Central, foi um momento de pura alegria, e minha mãe ficou chorando por horas. Não posso negar que fiquei orgulhosa ao ver que todo o

meu esforço tinha valido a pena. Consegui ser aceita na única faculdade em que me inscrevi e, por causa da nossa baixa renda, me deram uma boa bolsa, de modo que precisaria apenas de um empréstimo estudantil mínimo. Uma vez, só por um momento, cheguei a cogitar a ideia de sair de Washington e ir estudar em outro estado. Mas, depois de ver minha mãe ficar pálida e andar de um lado para o outro na sala por quase uma hora, eu disse que não estava falando sério.

Assim que entro no chuveiro, uma parte da tensão se alivia. Parada sob o jato de água quente, tento me acalmar, mas meus pensamentos não colaboram, e estou tão distraída que mal sobra água quente para que eu raspe as pernas.

Enquanto me enrolo na toalha, minha mãe grita meu nome outra vez. Como sei que ela também está nervosa, decido não reclamar, mas seco os cabelos sem pressa. Até entendo que esteja preocupada, porém o dia de hoje está planejado passo a passo há meses. Só uma de nós tem o direito de estar uma pilha de nervos e de fazer tudo errado, então preciso seguir à risca meu plano para garantir que não seja eu.

Minhas mãos estão trêmulas quando fecho o zíper do vestido. Na verdade nem gosto dele, mas minha mãe fez questão de que o usasse. Finalmente consigo vencer a batalha contra o fecho e pego minha malha favorita, pendurada na porta do armário. Assim que termino de me vestir, fico mais calma, mas só até perceber que tem um pequeno rasgo na manga da blusa. Eu a tiro e a jogo na cama enquanto calço os sapatos, sabendo que minha mãe fica mais impaciente a cada segundo que passa.

Noah, meu namorado, vai chegar daqui a pouco para ir até lá com a gente. Ele é um ano mais novo que eu, mas vai fazer dezoito logo. É muito inteligente e um ótimo aluno, como eu. E — mal posso esperar — quer estudar na wcu comigo no ano que vem. Seria melhor se ele estivesse indo comigo agora mesmo, principalmente porque não conheço ninguém por lá, mas fiquei feliz por ele ter prometido que vai me visitar sempre que possível. Só preciso de uma colega de quarto legal; é a única coisa que eu peço, e a única impossível de garantir com planejamento.

“Theresaaaaa!”

“Já estou descendo, mãe. Para de me chamar, por favor!”, grito do meio da escada. Noah está sentado à mesa diante dela, olhando para o relógio. O

azul de sua polo combina com seus olhos. Seus cabelos loiros estão penteados de forma impecável, com a ajuda de um pouquinho de gel.

“Oi, universitária.” Ele abre um sorriso reluzente e perfeito ao se levantar e me dá um abraço apertado. Sou obrigada a fechar a boca quando sinto que ele tomou um banho de perfume. Pois é, às vezes ele exagera.

“Oi.” Abro um sorriso igualmente reluzente, tentando esconder meu nervosismo, enquanto prendo meus cabelos loiros em um rabo de cavalo.

“Querida, podemos esperar dois minutinhos se você quiser arrumar o cabelo”, minha mãe fala baixinho.

Vou até o espelho e concordo, balançando a cabeça. Ela tem razão. Meus cabelos precisam estar bem-arrumados hoje, e claro que ela não hesitou em me lembrar disso. Deveria ter feito os cachos de que ela tanto gosta, como uma espécie de presente de despedida.

“Vou pôr as malas no carro”, Noah se oferece, abrindo a mão para que minha mãe lhe entregue a chave. Com um beijo apressado no meu rosto, ele sai da sala, com as malas na mão, e minha mãe vai atrás.

O segundo round da luta contra meus cabelos tem um resultado melhor que o primeiro, e dou uma última ajeitada no vestido cinza.

Quando saio de casa e vejo o carro com minhas coisas, sinto um frio na barriga maior do que nunca e fico aliviada ao pensar que ainda temos duas horas de viagem pela frente.

Não tenho a menor ideia de como vai ser na faculdade, e de repente a pergunta que passa a dominar meus pensamentos é: *Será que vou conseguir fazer amigos?*

2



Eu queria poder dizer que a paisagem familiar me acalmou durante a viagem, ou que uma sensação de aventura foi tomando conta de mim a cada placa que indicava que estávamos chegando mais perto da Washington Central. Só que na verdade estava perdida em um mar de planos e obsessões. Nem sei bem o que Noah disse, mas acho que tentava me passar confiança, dizendo que estava contente por mim.

“Chegamos!”, anuncia minha mãe com um gritinho agudo quando passamos pelos portões de entrada do campus. O lugar é tão bonito ao vivo quanto nas fotos dos folhetos e da internet, e fico impressionada com a elegância daquelas construções de pedra. Entre pais se despedindo dos filhos com beijos e abraços, grupos de calouros vestidos dos pés à cabeça com roupas da wcu e um pessoal que não parece nem saber onde está, são centenas de pessoas reunidas ali. O tamanho do campus é intimidador, mas com um pouco de sorte em algumas semanas já estarei me sentindo em casa.

Minha mãe faz questão de que ela e Noah acompanhem a recepção aos calouros. Ela consegue manter o sorriso no rosto durante três horas a fio, e Noah escuta tudo com bastante atenção, assim como eu.

“Quero ver seu alojamento antes de ir embora. Preciso conferir se está tudo em ordem”, minha mãe me diz quando a recepção chega ao fim. Ela examina o velho edifício com olhos cheios de reprovação. Minha mãe tem o dom de encontrar defeito em tudo. Noah abre um sorriso para amenizar o clima, mas ela fica ainda mais exaltada.

“Nem acredito que você está na faculdade! Minha única filha, uma universitária, morando sozinha. Simplesmente não acredito”, ela diz em meio ao choro, limpando as lágrimas com cuidado para não borrar a maquiagem. Noah segue atrás dela, carregando minhas malas pelo corredor.

“É o B22... e estamos no pavilhão C”, digo a eles. Felizmente, vejo um B enorme pintado na parede logo em frente. “É por aqui”, digo quando vejo minha mãe virar na direção oposta. Fico contente por trazido apenas algumas roupas, um cobertor e meus livros favoritos. Assim Noah não precisa carregar tanto peso, e eu não vou ter muito trabalho para desfazer as malas.

“B22”, anuncia minha mãe, ofegante. Ela está usando saltos escandalosamente altos para o tanto que precisamos andar. No final de um longo corredor, enfio a chave na fechadura de uma velha porta de madeira, que abre com um rangido. Minha mãe solta um suspiro alto. O quarto é pequeno, tem duas camas estreitas e duas escrivaninhas. Depois de um instante, meus olhos veem o motivo da surpresa da minha mãe: um dos lados do quarto está coberto de pôsteres de bandas de que nunca ouvi falar, com integrantes cheios de piercings e tatuagens. E há uma menina deitada em uma das camas, com cabelos de um vermelho bem vivo, toneladas de delineador nos olhos e os braços cobertos de tatuagens coloridas.

“Oi”, ela diz, abrindo um sorriso que achei até bem cativante, para minha própria surpresa. “Sou Steph.” Ela se apoia sobre os cotovelos, exibindo o decote profundo da blusinha, e eu tenho que cutucar o pé de Noah para ele desviar os olhos dos peitos dela.

“O-oi. Sou Tessa”, respondo quase engasgando, esquecendo totalmente os bons modos.

“Oi, Tessa. É um prazer. Bem-vinda à wcu, onde os quartos são pequenos e as festas, sensacionais.” A ruivinha abre um sorriso ainda mais largo, joga a cabeça para trás e cai na risada quando vê as expressões incrédulas diante dela. Minha mãe está completamente de queixo caído, e Noah não para de remexer os pés, todo sem graça. Steph se levanta, vem até mim e envolve meu corpo com seus braços finos. Fico sem reação por um instante, surpresa pela demonstração de afeto, mas em seguida retribuo o gesto. Uma batida ressoa na porta no momento em que Noah larga minhas malas no chão, e eu não consigo acreditar no que está acontecendo bem diante dos olhos da minha mãe.

“Entrem”, grita minha nova colega de quarto. A porta se abre, e dois garotos entram antes mesmo que ela termine de falar.

Garotos no quarto de meninas logo no primeiro dia? Talvez a Washington Central não tenha sido uma boa ideia. Ou eu deveria ter tentado fazer uma triagem das minhas possíveis colegas de quarto? Pela expressão de desagravo no rosto da minha mãe, ela está pensando a mesma coisa. A pobrezinha parece que vai desmaiar a qualquer momento.

“Oi, você é a colega de quarto da Steph?”, um dos garotos pergunta. Seus cabelos loiros estão penteados para cima, e ele tem três mechas castanhas. Seus braços são cobertos de tatuagens, e os brincos em sua orelha são do tamanho de moedas.

“Hã... sou. Meu nome é Tessa”, consigo dizer.

“Sou Nate. Não precisa ficar tão assustada”, ele diz com um sorriso, estendendo a mão e tocando meu ombro. “Você vai gostar muito daqui.” Sua expressão é afetuosa e amigável, apesar do visual agressivo.

“Estou pronta, meninos”, anuncia Steph, pegando uma bolsa preta da cama. Meus olhos se voltam para o outro garoto, apoiado contra a porta. Seus cabelos castanhos, espessos e ondulados estão penteados para trás, e ele tem piercings na sobrancelha e na boca. Meu olhar vai descendo para sua camiseta preta e seus braços, que *também* são cobertos de tatuagens, sem deixar nenhum espaço livre na pele. Ao contrário de Steph e Nate, as dele parecem ser todas em preto e branco. Ele é alto e magro, e sei que o estou encarando de uma forma nem um pouco educada, mas não consigo desviar os olhos.

Fico esperando que se apresente, assim como seus amigos fizeram, mas ele permanece em silêncio, revirando os olhos com impaciência e mexendo no celular que tirou do bolso da calça jeans preta e justa. Ele definitivamente não é simpático como Steph ou Nate. Mas, por outro lado, é mais interessante: alguma coisa nele torna difícil tirar meu olhar de seu rosto. Percebo que Noah está me observando e me viro, fingindo uma expressão de choque.

E era por isso mesmo que eu estava olhando, não era?

“A gente se vê, Tessa”, diz Nate, e os três saem do quarto. Respiro bem fundo. Constrangedor era pouco para definir aquilo.

“Você vai trocar de quarto!”, esbraveja minha mãe assim que a porta se fecha.

“Não, não posso”. Solto um suspiro. “Está tudo bem, mãe.” Faço meu

melhor para esconder o nervosismo. Não estou certa de que essa é a melhor opção, mas a última coisa que quero é ver minha mãe superprotetora dar um escândalo no meu *primeiro dia*. “Ela nem deve ficar muito por aqui mesmo”, digo, tentando convencer minha mãe e a mim mesma.

“De jeito nenhum, vamos trocar de quarto agora mesmo.” Seu visual bem produzido contrastava com a raiva em seu rosto; os cabelos longos e loiros estavam caídos sobre um dos ombros, com todos os cachos absolutamente intactos. “Você não pode ficar no mesmo quarto de alguém que deixa garotos entrarem desse jeito... e ainda garotos como aqueles!”

Olho no fundo dos seus olhos cinzentos, depois olho para Noah. “Mãe, por favor, vamos pelo menos fazer um teste. Por favor.” Não consigo nem começar a imaginar a confusão que ela ia causar tentando uma mudança de quarto àquela altura. Nem na humilhação que seria para mim.

Minha mãe olha ao redor mais uma vez, observando a decoração que Steph fez em seu lado do quarto, e solta um suspiro dramático.

“Tudo bem”, ela responde, para minha surpresa. “Mas vamos ter uma boa conversa antes de eu ir embora.”